

O NÃO FIM DO SEM FIM

Moacyr Laterza

O Sem Fim, o que não tem fim e jamais fenece é a Pulsão da Vida, que sempre insiste, jamais desiste. Segue o homem pelos confins do tempo e da história, inventando suas artes, seus artifícios, suas artimanhas, seus ofícios, Suas profissões, suas ferramentas. E a si mesmo, através do ofício. O ofício faz parte da ética da Vida que é o nosso máximo ofício. Feliz é aquele que, ao fim, se autoriza a merecer, contra a nefanda Morte, o *supremum officium* e o preito de gratidão dos que estão vivos (e vão morrer).

O filme **O FIM DO SEM FIM** procura surpreender nas esquinas do tempo presente a permanência do *élan vital* que acompanha e anima a infatigável consciência operária do homem. São reveladas na exposição temática de O FIM DO SEM FIM modalidades de atividades laboriosas, caducas e peremptas. Sem nenhuma pieguice, o argumento do filme serve-se de relevar o anacronismo pragmático de certos ofícios e profissões, para, com isso melhor destacar certas nuances harmônicas, certos matizes de harmonia, que falam mais fundamente das necessidades íntimas que acompanham a faina industriosa do homem, pela sua viagem histórica, onde, pelo trabalho livre tenta construir a sua própria essência.

É ver, pois, na “inutilidade” de certas profissões, cuja ocorrência é documentada pelo filme nos recantos dos sem-fins dos espaços do interior do nosso Brasil, como elas se situam e se justificam pelo seu caráter de **supra-utilidade**. A pobre eficácia de certos ofícios (mas ainda seriamente cumpridos e desenvolvidos) fica compensada pelo fato de que seus verdadeiros propósitos estão além, muito mais além da mera servidão ... pragmática.

Eles se situam mais do lado do lúdico, do folguedo, da gratuidade, da alegria, da inocência ... e da beleza ética.

O bem útil – o mais frágil dos bens – compensa-se com o bem deleitável – que contempla à beleza – e, principalmente, com o *bonum honestum*, o bem em si mesmo, que é o módulo legítimo da vida humana.

A “antropologia” do filme – cientificamente incompleta e, por isso, mais “verdadeira” - serve-se de uma metodologia que chamaríamos de “observação participante”. A escolha do critério seletivo dessa “observação” não é de todo aleatória já que o registro do filme pretende destacar a sobrevivência de passados e fanados ofícios incongruentes com as novas tecnologias que servem às atuais necessidades do povo.

Por uma determinação – nem sempre conscientemente visível – os autores e produtores do filme teimaram em destacar a presença de certas virtudes que inspiram a prática das anacrônicas profissões ainda manentes na tradição popular. Note-se a seriedade virtuosa que os oficiais dos ofícios relatados e descritos dispõem no cumprimento de sua humilde profissão. Há o sentido do cumprimento de uma **missão**. Há sempre uma clima de seriedade por miseranda que seja a finalidade a ser alcançada. O engraxate esmera-se em fazer luzidio e brilhante o couro do sapato ... dos outros. O som dos sinos sibilinos e sibilantes há de ter um ritmo certo bem certo e perto do ouvido e do coração de quem ouve o sino, diz o sineiro ao executar sua tarefa. Há o exercício da virtude da fortaleza na atuação diligente da mulher-parteira, que à sua maneira, vela pela continuidade da vida : a Mulher é Forte quando enfrenta a vida e a morte.

Dou apenas uma última ilustração dos inúmeros exemplos coligidos pelo belo O FIM DO SEM FIM. Refiro-me ao Profeta que, à sua maneira canhestra, “costura” as três dimensões da temporalidade da existência humana. E o “remate” se faz com um inaudito senso de esperança e uma cota inexorável de sonho, ilusão, utopia e ucronia. Nós que vivemos na véspera dos apocalipses, precisamos da Palavra, da Profecia, para lembrarmos, “no inverno de nossa desesperança”, que “a eternidade já corre nas artérias do tempo”.

A eternidade para o Profeta se cauciona e se abaliza pela continuidade, pela perenidade, pela permanência da Pulsão da Vida. Diz o Profeta que entendem mal Nostradamus quem pensa que a totalidade do Mundo e do Tempo encontram ou

encontrariam seus termos ao fim do Milênio. Se os tempos antigos findaram, um Mundo Novo sempre recomeça. É demasiada esperança para um Profeta do árido Nordeste brasileiro.

É O NÃO FIM DO SEM FIM.